

**O MUNDO DOS MORTOS NO ANTIGO EGITO:
INTERPRETAÇÃO SOCIOLÓGICA DOS FUNERAIS EGÍPCIOS EM
PERSPECTIVA DURKHEIMIANA**

George Francisco Corona¹

RESUMO

Os rituais religiosos mais antigos da humanidade são os funerários, e o Egito Antigo se interessou muito por este tema. Suscita-se uma questão: há um significado sociológico para as crenças e práticas funerárias egípcias? Para responder a esta indagação foram analisados os rituais funerários egípcios, buscando o seu sentido social à luz do pensamento de Émile Durkheim. Para este sociólogo o significado dos rituais funerários egípcios é manter a coesão social e evitar a todo custo sua desagregação. A manutenção do pensamento mitológico é decisiva para manter o controle social, a ordem e a unidade política e territorial do país. Logo, tudo o que os funerais explicam sobre a morte e suas consequências, também explicam sobre a vida em sociedade e suas necessidades de preservação. O ideal egípcio de vida eterna e pós-morte era o seu ideal de vida social. Entender a morte egípcia é entender, na realidade, sua vida.

Palavras-chave: Rituais Funerários. Egípcio. Durkheim. Sociedade.

INTRODUÇÃO

Este artigo visa pretende compreender o mais antigo ritual religioso da humanidade, ou seja, os rituais funerários. Os primeiros sinais de comportamentos não ligados à satisfação das necessidades elementares da vida humana só aparecem na última fase do Paleolítico Médio com o *Culto aos Mortos* (BOVO, 2008. p.10) (. A grande questão que aqui se faz é: o que levou o ser humano a cultuar seus mortos? As Ciências das Religiões teriam alguma explicação para este fato?

¹ Autor: George Francisco Corona. Mestre em Ciências das Religiões. Professor da Faculdade Castelo Branco de Colatina-ES. geoscj@yahoo.com.br. Co-autor: Daniel Louzada Casteluber. Mestre em Ciências das Religiões. Este artigo faz parte de dissertação de mestrado, de mesmo título e autor, defendida na Faculdade Unida de Vitória em 2014. Professor Orientador: Dr. Ronaldo Cavalcante.
UNITAS – Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões, Vitória-ES, v. 4, n 1, Jan.-Jun., 2016.

Para se responder esta questão, este artigo se debruça sobre um dos rituais funerários mais antigos da humanidade, aqueles presentes no chamado *Livro dos Mortos do Egito Antigo*. Pirâmides, mastabas, necrópoles, faraós, sacerdotes, fórmulas mágicas, múmias, estátuas, templos, pinturas, amuletos, rituais com a participação do povo ou somente de alguns familiares e sacerdotes. Um enorme aparato cultural que circunda um fato capital na vida egípcia: a morte. Ao analisar as crenças egípcias acerca da morte, será buscado o sua explicação, sob a perspectiva da teoria sociológica de Émile Durkheim, pois, para este cientista social, a origem da sociedade é religiosa (DURKHEIM, 1996, p. XXVII).

Para Durkheim, "a religião, (...) longe de ignorar a sociedade real e de não levá-la em conta, é a imagem dela, reflete todos os seus aspectos, mesmo os mais vulgares e repulsivos" (DURKHEIM, 1996, p.464). Por isso, de acordo com o sociólogo, compreender a religião, é entender o significado que o povo dá à sua sociedade.

O ANTIGO EGITO: RITUAIS FUNERÁRIOS E SUA MITOLOGIA

Para iniciar este estudo é importante compreender como eram as crenças míticas e as práticas rituais dos egípcios antigos sobre a morte. O Livro dos Mortos (*The Book of the Dead*) do egiptólogo britânico Wallis Budge foi a fonte primária destas informações. Budge foi o responsável pela descoberta e tradução do mais bem conservado papiro funerário do Egito Antigo, o Papiro de Ani.

Para que se possa compreender o sentido das práticas funerárias dos antigos egípcios se faz necessário o conhecimento do mito que forneceu os principais elementos da crença na ressurreição e na imortalidade do ser humano. O mito não é um fruto de pura ficção de mentalidades primitivas. O Mito justifica e explica as práticas rituais (DEBRAY, 2004, p.361).

Por isso a importância de se conhecer o mito: é graças a ele que a memória do povo se renova e se mantém, preservando o sentido e significado de seus ritos. Há uma inseparabilidade da intencionalidade dos ritos e dos mitos que narram os modos de ser das divindades e o que elas esperam dos seres humanos (VILHENA, p.73). No caso desta pesquisa, é o mito do homem-deus sofredor Osíris que será analisado, uma narrativa que embasou uma crença amplamente espalhada pelo Egito antigo: a história que relata sobre a possibilidade do ser humano continuar a viver após a morte (BUDGE, 2004, p.53).

Assim se expressa Budge antes de iniciar a narrativa do Mito de Osíris:

Os primeiros autores dos antigos textos hieroglíficos fúnebres e seus compiladores recentes assumiram tão completamente que a história de Osíris era conhecida por todos os homens, que nenhum deles, até onde nós sabemos, pensou que fosse necessário registrar uma narrativa relacionada à vida e sofrimentos desse deus sobre a terra, ou se eles o fizeram, não chegou até nós (BUDGE, 2004, p.41).

Budge quis afirmar que não há uma compilação crítica e oficial do Mito da criação do mundo e da história de Osíris. Os desenhos nas paredes dos templos e papiros apenas relatam uma história já conhecida dos egípcios. Portanto, Budge lança mão da obra *De Iside et Osiride*, um texto do autor grego Plutarco, de meados séc. I d.C, que compilou diversos relatos contados pelos egípcios, visto que o mito era transmitido de modo oral. Apesar das impróprias relações que faz entre os deuses gregos e egípcios, Plutarco traça uma narrativa cheia de elementos da cultura egípcia (BUDGE, 2004, p.42). Pode-se descrever, de modo generalizado, a versão de Heliópolis do mito de Osíris, na forma seguinte:

No começo não havia nada, a não ser apenas um imenso oceano primitivo e informe, repleto de um espírito divino e do germe de todas as coisas, conhecido por Nu (ou Num) (BUDGE, 2004, p.84), e à sua volta havia apenas o silêncio, as trevas e o caos sem fim. Então, misteriosamente este oceano desperta de seu sono profundo, e poderosas tempestades fazem suas águas se agitarem intensamente. As águas deste oceano começam a se retrair, e surge uma ilha, uma espécie de porção de terra, chamado de *Monte Primevo* ou *Colinas Primais*, a primeira porção de terra do mundo. Do meio deste monte surge uma flor de lótus (ou em outras versões, um ovo) (BUDGE, 2004, p.27), e de dentro desta flor - ou ovo - surge o deus-sol Rá, que é a encarnação do poder onipotente do espírito divino (BUDGE, 2004, p.27). Ao abrir seus olhos, o deus Rá enche todo aquele espaço vazio com sua forte luz. Esta luz deu início à criação. Do olho de Rá escorre uma lágrima, da qual surgem os seres humanos. Em seguida, Rá fecha seus olhos e começa a criar os deuses que lhe farão companhia: Tefnut (deusa da água) e Shu (deus do ar). Os deuses Shu e Tefnut deram à luz a Geb e à Nut. Geb - ou Keb, ou Seb, dependendo da tradução - (deus da terra) (O LIVRO dos Mortos do Antigo Egito, p.248) e Nut (deusa do céu), deram à luz a quatro filhos: Osíris, Ísis, Seth e Néftis. Osíris era irmão e marido de Ísis, enquanto Seth era irmão e marido de Néftis (COUTO, 2008. p.68).

Osíris governou toda a terra conhecida - ou seja, tornou-se o rei do Egito - e começou a civilizar os seres humanos, através da educação, criando leis, ensinando técnicas agrícolas, o modo de dominar os animais e ensinou a reverência e o culto aos deuses. Osíris viaja então pelo mundo para disciplinar outros povos, enquanto isso sua irmã-esposa Ísis governava o Egito em seu lugar. Seu irmão Seth, invejoso do sucesso de Osíris, trama um plano para matá-lo. Conspirou com outras 72 pessoas e constrói um magnífico sarcófago, com as medidas exatas do corpo de Osíris. Seth e os conspiradores armam um banquete importante e convida o rei. Durante a festa, Seth quis agradar aos convidados, dizendo que daria de presente o belo sarcófago para aquele que tivesse o tamanho certo para caber nele. Os convidados experimentavam e não se encaixavam nas medidas, até que chegou a vez de Osíris. Ao entrar para experimentar, Seth e os conspiradores fecharam rapidamente o sarcófago, pregando a tampa e jogando chumbo derretido por cima (BUDGE, 2004, p.44). Então jogaram o sarcófago no Rio Nilo, cuja correnteza arrastou-o até o mar Mediterrâneo, parando entre os ramos de uma pequena árvore de tamarisco, na cidade de Biblos, na região dos pântanos de papiros do delta. O poder divino que morava no corpo de Osíris transmitiu à pequena árvore tal força que esta cresceu frondosamente e envolveu o sarcófago, escondendo-o dentro do seu tronco. Tempos depois, o Rei desta cidade, maravilhado com o esplendor e tamanho daquela árvore, manda cortá-la para servir de coluna em seu palácio (BULFINCH, 2002, p.346).

Ao saber da tragédia, Ísis saiu angustiada a procura de seu marido Osíris. Durante a sua busca, ficou sabendo que Osíris havia sido enganado por sua irmã Néftis, que estava apaixonada por ele. Osíris havia tido uma relação com Néftis, pensando ser ela Ísis, e desta relação nasce um filho. Néftis, temendo a reação de seu marido Seth, decide abandonar a criança. Ísis então se empenha em procurar a criança abandonada, e depois de muita dificuldade consegue achar a criança com a ajuda de cães, que a conduziram ao local exato onde ela se encontrava. Ísis então criou esta criança, e ele se tornou seu constante guardião e servo, assim como os cães fazem com os homens. Este filho de Osíris se chamou Anúbis (BULFINCH, 2002, p.47).

Através da ajuda de Anúbis e de informantes, Ísis ficou a par dos fatos e chegou até a cidade de Biblos. Depois de ter feito uma profunda amizade com a rainha da cidade, Ísis conseguiu que lhe desse a coluna daquele palácio, a qual cortou e tirou dali o sarcófago. Ela enrolou o restante da coluna com linho, derramou óleo perfumado sobre ela e devolveu aos

reis de Biblos (COUTO, 2008, p.69). Ísis pranteou e lamentou muito sobre o corpo morto de seu marido, e depois disso trouxe de volta para o Egito e o esconde em lugar secreto.

Seth, ao saber do resgate do corpo de Osíris, consegue localizá-lo e então corta seu corpo em vários pedaços e os espalha por todo o Egito. O número de pedaços em que o corpo foi cortado varia, de acordo com as versões da história, de 14 a 42, pois seriam associados ao número de dias entre a lua cheia e a lua nova (14) e o número de nomos (províncias) que formavam o Egito (42) (COUTO, 2008, p.69). Ísis parte mais uma vez à procura dos fragmentos espalhados do corpo de seu marido, desta vez com ajuda da sua irmã Néftis. Ela utilizou um barco feito de junco para navegar pelos pântanos de papiro do Rio Nilo. Ísis fazia um sepulcro para Osíris em cada cidade, a medida que ela encontrava os pedaços do corpo, a fim de homenagear tal local e ao mesmo tempo enganar e dificultar a maliciosa procura de Seth e seus seguidores (BUDGE, 2004, p.49). Ísis encontrou e juntou todas as partes do corpo de Osíris, exceto uma: seu pênis. Esta parte foi lançada no Rio Nilo por Seth, logo que cortou seu corpo, e os peixes o devoraram. Para substituir este órgão, Ísis criou um pênis feito com madeira de Sicômoro (BULFINCH, 2002, p.346).

Ocorre então o primeiro processo de mumificação, onde Ísis e Néftis recebem ajuda de Anúbis - filho de Osíris com Néftis. O corpo do morto é embalsamado, recebe uma série de amuletos que o protegeriam de todo mal existente e foram recitadas várias fórmulas mágicas, escritas por Thoth, ditas por Ísis (BUDGE, 1993, p.18). Então Ísis se transforma em uma ave, e, planando sobre o corpo de Osíris, bate as asas e faz um vento mágico que o ressuscita. Ao mesmo tempo, a Ísis em forma de ave tem uma relação com Osíris e engravida de Hórus. Ísis, tendo dado a luz a Hórus, amamentou-o e este cresceu e se tornou forte. Quando adulto guerreou contra Seth diversas vezes e sempre o vencia, vingando a morte de seu pai Osíris e sendo assim seu sucessor no trono do Egito (BUDGE, 2004, p.53). Osíris passa a governar, então, o mundo dos mortos, chamado de Amenti (BUDGE, 2004, p.95), enquanto Hórus governa o mundo dos vivos. Na luta contra Seth, Hórus teve um de seus olhos arrancados, o qual foi restituído pelo deus Thoth, e todos os deuses do conselho reconheceram sua sucessão paterna ao trono. Hórus então se transforma em eterno modelo de devoção filial, e seu olho, perdido na luta passou a ser um símbolo do sacrifício (EDWARDS, 1985. p.29).

A CRENÇA EM OSÍRIS E NA VIDA APÓS A MORTE

A crença na vida após a morte e na ressurreição do homem está baseada neste mito, onde Osíris, deus-homem e rei, sofreu a morte e a mutilação, foi mumificado, recebeu de suas irmãs Ísis e Néftis uma série de amuletos que o protegiam de todo o mal no mundo dos mortos, além de ter recebido várias fórmulas mágicas, recitadas por elas e escritas por Thoth, alcançando assim a vida eterna. Esta era a mais importante de todas as crenças encontrada no Livro dos Mortos (BUDGE, 1993, p.18).

Osíris passou a representar para os egípcios a ideia de um homem-deus, que viveu como um homem sofreu os sofrimentos humanos, morreu e ressuscitou, vivendo eternamente em seguida, no outro mundo. Por ter uma personalidade humana, os egípcios se identificaram facilmente com Osíris. Portanto, se Osíris viveu, morreu, passou por rituais de mumificação com palavras e atos mágicos e, por isso ressuscitou, então o egípcio poderia seguir o mesmo caminho (BUDGE, 1993, p.18).

Os egípcios criaram todo um aparato religioso, incluindo templos, sacerdotes, sepulturas, materiais para mumificação, amuletos, estátuas, símbolos, fórmulas mágicas e toda sorte de rituais a fim de imitar a *passagem* que Osíris fez para o outro mundo, para a vida eterna.

E a grande ênfase desta passagem é na múmia:

Símbolo do mistério que a civilização egípcia representa, as múmias são bem mais do que um simples corpo humano transformado em objeto de estudo. Aquelas tentativas de preservação dos corpos de seus poderosos monarcas fornecem vários e preciosos dados sobre o pensamento religioso vigente na civilização faraônica e são testemunhas mudas de suas antigas crenças numa ressurreição da alma por meio da conservação de seu "habitat natural", por assim dizer (COUTO, 2008, p.64).

Assim como Osíris, o corpo devia ser conservado após a morte, pois sem ele seria impossível alcançar a imortalidade (COUTO, 2008, p.64).

É exatamente por causa de palavras escritas, fórmulas mágicas e o modo de recitá-las sobre o defunto que se garante, de acordo com o mito, a ressurreição do morto. Tais palavras foram criadas e escritas – de acordo com a crença – por Thoth e ditas pela boca de Ísis

(BUDGE, 1990, p.104). Logo, o que se procura, então, nos rituais funerários de mumificação é garantir os meios materiais necessários para que, ao proferir as palavras sagradas, ocorra a ressurreição e a passagem para a vida eterna.

Os egípcios acreditavam que toda palavra dita em certas circunstâncias sempre gerava um efeito bom ou mau. Se a palavra fosse proferida por um homem cerimonialmente puro, em nome de uma divindade benéfica, no lugar apropriado e do modo e no tom de voz devidos, em favor de algo ou alguém, um efeito bom e favorável aconteceria por força desta palavra. Do contrário, uma palavra proferida contra algo ou alguém, em nome de um ser maléfico, resulta fatalmente em maldição para o homem que proferiu ou o para aquele que é objeto desta palavra (BUDGE, 1993. p.41).

Tudo isto resulta da crença mítica de que todo o universo foi criado pelo poder da palavra dita pelos deuses primordiais, e que foram interpretadas e escritas pelo deus Thoth. O correto conhecimento do nome de um deus, demônio ou ser humano implicava domínio sobre o ser dele (BUDGE, 1986. p.107). Se as palavras foram potentes em eficácia para criar todas as coisas e para ressuscitar Osíris no tempo primordial, as mesmas deveriam ser empregadas pelo sacerdote diante do cadáver, seja de forma falada ou escrita. Aquele que possuía o dom de proferir as palavras sagradas era chamado de *maa kheru*, que se traduz por *triunfante, verdadeiro de voz, certo de palavra*. Quem recebe este título passa a ter poder de usar sua voz de maneira que todos os seres que encontrar no outro mundo possam ser dominados (BUDGE, 1990, p.90).

Desde o momento em que se iniciam os rituais de mumificação, procede-se ao início da viagem da alma pela região dos mortos - o *Ament* - que é cheio de perigos e demônios. Entenda-se aqui que a expressão *Demônio*, que é de origem grega (*δαίμων* - *daimon*), significa um ser divino em geral, porém secundário, abaixo das divindades superiores (ABBAGNANO, 2003, p.239). Representam divindades inferiores e inimigas do deus-sol Rá, que pretendem dificultar e impedir a chegada da alma até o Tribunal do Julgamento.

Antes de comparecer ao julgamento, o falecido declama hinos em louvor a Rá e a seu filho Osíris (BUDGE, 2004, p.100). Logo depois ele se encontra para o julgamento no chamado Tribunal de Maat. De acordo com Budge, "desde os tempos mais antigos, a Maat eram as duas deusas Ísis e Néftis, e elas eram assim chamadas porque representaram as ideias da honestidade, integridade, justiça, o que é correto, a verdade (...)" (BUDGE, 2004, p.100).

Essas deusas permaneciam ao lado de Osíris, deus e juiz dos mortos. Juntamente com estes se encontravam mais 42 deuses. Então, diante destas divindades, o finado vai enumerar os pecados que ele não cometeu. Passando diante de cada deus, o falecido cita seu nome sagrado e a ofensa que não empreendeu em vida. Esse momento ficou conhecido como *Confissão Negativa*, por ser uma negação do cometimento de faltas morais (BUDGE, 2004, 107).

Em seguida é colocada uma balança onde o coração do falecido será pesado. Enquanto num dos pratos é depositado o coração do falecido, no outro era colocada uma pluma de Maat, que era símbolo da lei, da justiça, da verdade. O nível da balança era examinado pelo deus Anúbis e um animal em forma de macaco, que se encontra acima da balança, avisa ao deus Thoth para registrar o resultado. Caso haja desequilíbrio entre o coração e a pluma de Maat, este coração - ou seja, todo o ser do falecido - é imediatamente devorado por uma criatura com corpo de leão e cabeça de crocodilo chamado de *Am-mit* (BOVO, 2008, p.16). Caso o coração se equilibre em peso com a pluma de Maat, o deus Thoth registra tal resultado e profere um discurso de reconhecimento da dignidade do morto.

Depois disso o falecido, absolvido no julgamento, é tomado pela mão por Hórus e é conduzido ao santuário. Ali se encontra sentado em seu trono o deus Osíris e a seu lado direito está Néftis e à esquerda Ísis.

A seguir o falecido se posta de joelhos perante Osíris e declama um discurso perante todos os deuses, com voz de um *maa kheru*, ou seja, com poder sobre as palavras e poder de convencer (BUDGE, 1990, p.90). Então ocorrerá o momento crucial para a entrada do falecido no convívio eterno no outro mundo: Thoth fará a menção de seu nome perante todos os deuses. Depois de passar por estas difíceis provações do Tribunal de Maat, o falecido se torna um deus junto dos outros deuses, e passa a habitar o paraíso, os Campos Elísios (BUDGE, 2004, p.119). Assim descritas as bases da crença egípcia sobre a imortalidade, procede-se a análise durkheimiana sobre a Religião, a fim de se traçar adiante seus paralelos interpretativos.

A RELIGIÃO NA TEORIA SOCIOLÓGICA DE DURKHEIM

Émile Durkheim é um cientista da religião, pelo seu viés sociológico. A obra magna desta investigação científica é a obra *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, publicada em 1912. Neste estudo, Durkheim afirma que "a força religiosa não é senão o sentimento que

UNITAS – Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões, Vitória-ES, v. 4, n 1, Jan.-Jun., 2016.

a coletividade inspira a seus membros, mas projetado fora das consciências que o experimentam e objetivado. Para se objetivar, ele se fixa num objeto que, assim, se torna sagrado” (DURKHEIM, 1996, p.238). Desse modo, pode-se entrever que os egípcios objetivaram a morte em artefatos e ações diversas que foram enriquecendo os rituais funerários: as sepulturas (pirâmides ou mastabas), os ataúdes (sarcófagos, cheios de simbolismos), estatuetas, móveis, amuletos, trajes, alimentos, livros, palavras, atitudes. Assim também se expressa Durkheim:

Entre o rito e os efeitos que se deve produzir, nenhum ser espiritual vem inserir sua ação. Portanto, as personalidades míticas só intervieram mais tarde. Uma vez estabelecido o mecanismo ritual, elas serviram para torná-lo mais facilmente representável às inteligências, mas elas não são condições de sua existência. Esse mecanismo foi instituído por outras razões, deve sua eficácia a uma outra causa. Ele age através das forças coletivas que põe em jogo (DURKHEIM, 1996, p.446s).

E tais forças coletivas são, para Durkheim, o sentimento de enfraquecimento que este grupo sente quando perde um de seus membros. Desta forma, tais ritos têm por função colocá-los mais intimamente em contato, associá-los num mesmo estado emocional, resultando assim em uma sensação de reconforto que compensa o enfraquecimento inicial, pois a vida para o ente querido continuará de forma ainda mais perfeita que antes (DURKHEIM, 1996, p.440). Para Durkheim toda e qualquer experiência compartilhada pelo grupo tende a intensificá-la. Ainda que as cerimônias religiosas tenham por ponto de partida um fato doloroso, elas conservam sobre o estado afetivo do grupo e dos indivíduos seu poder estimulante (DURKHEIM, 1996, p.448). Pelo simples fato de serem coletivas, eles elevam a energia vital, fortalecem o grupo em um momento de fraqueza. Este seria o significado social dos rituais funerários egípcios: fortalecer, estimular e manter a coesão social, impedindo a divisão e a dispersão.

A CRENÇA NA IMORTALIDADE DA ALMA

Durkheim afirma que "a crença na imortalidade das almas, em última instância, é a única maneira que o homem possui de explicar a si mesmo um fato que não pode deixar de chamar sua atenção: a perpetuidade da vida do grupo” (DURKHEIM, 1996, p.283). Os indivíduos, membros do grupo, morrem, ao passo que o grupo em si sobrevive. Se os indivíduos são finitos e o grupo permanece é por que o grupo é animado por uma força imortal e infinita, pois, apesar da morte de cada membro, o grupo conserva suas

UNITAS – Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões, Vitória-ES, v. 4, n 1, Jan.-Jun., 2016.

características de fala e de costumes. Deste modo, diz Durkheim, surge a crença de que uma força maior, uma alma do grupo, o mana, anima cada indivíduo em particular, como uma espécie de germe que se transmite de geração em geração, mantendo a unidade espiritual do clã através do tempo (DURKHEIM, 1996, p.283). "Se o grupo não é imortal no sentido absoluto da palavra, a verdade é que ele dura por sobre os indivíduos, renascendo e se reencarnando a cada geração nova" (DURKHEIM, 1996, p.283-284).

Logo, essa ideia de que há um mana imortal e eterno que gera as almas individuais foi criada para explicar como a sociedade consegue permanecer apesar de seus indivíduos morrerem. O grupo representa a imortalidade, e o indivíduo, por estar animado pela mesma força deste grupo, passa também a ser considerado como tendo uma alma individual imortal (DURKHEIM, 1996, p.284). Por isso que quando o corpo cessa sua existência, afirma-se que a alma permanece, num mundo particular, de maneira autônoma, como foi afirmado anteriormente (DURKHEIM, 1996, p.253-254).

De acordo com os estudos de Durkheim nas tribos australianas, pronunciar palavras é entrar em contato com as pessoas, com as coisas ou mesmo com os seres sagrados. De acordo com a crença, o ar expirado no ato de falar estabelece a comunicação, pois é algo da pessoa que se espalha para fora. O corpo possui certas características da alma, logo, as palavras eram carregadas de alma, e se o nome de uma entidade fosse pronunciado, certamente sua alma se faria presente. O *nome* é elemento essencial da pessoa. Se a pessoa é sagrada, seu nome também o é. Logo, não pode ser pronunciado por quem seja profano, ou seja, pessoas comuns que sejam os sacerdotes. Por isso é proibido aos profanos dirigir a palavra aos seres sagrados, ou falar em sua presença. O silêncio é muito observado em certos cultos, e a palavra só pode ser usada por alguém autorizado (DURKHEIM, 1996, p.322-323).

Após este breve estudo sociológico e de posse de algumas essenciais idéias durkheimianas acerca do fenômeno religioso, procede-se agora uma análise das crenças e práticas funerárias do Egito Antigo. Serão traçados os fundamentos comuns entre o sistema religioso pesquisado por Durkheim e a cultura egípcia.

INTERPRETAÇÃO SOCIOLÓGICA DO RITO FUNERÁRIO EGÍPCIO

Até aqui pode-se perceber que a obstinação em ritos mortuários se deve à importância social que os egípcios davam à vida após a morte, a vida eterna, consequência de uma existência moral correta e justa perante a sociedade, o que acarretaria, através dos ritos adequados, a ressurreição. A morte era a única passagem para a eternidade, pois a alma se desprendia do corpo físico neste instante, e viajava rumo ao paraíso, ao mundo dos deuses. A principal crença que sustenta o comportamento egípcio perante a morte vem do Mito de Osíris, o homem-deus que viveu como todos os homens, foi um herói civilizador, teve morte violenta e injusta, ressuscitou dos mortos e alcançou a vida eterna no outro mundo. Osíris passou a ser um exemplo seguido por todo egípcio, pois assim como ele ressuscitou também qualquer um de seus imitadores poderiam também ressuscitar. Foi verificado que os sacerdotes egípcios eram os responsáveis por toda prática religiosa, ligada aos funerais, e apenas eles tinham o poder e conhecimento de repetir as mesmas palavras de Ísis e Thoth, com segurança e eficácia. Essa crença sacerdotal justificava a concentração do poder e um consequente controle social.

Pode-se afirmar que o mito egípcio é uma narração que esconde uma verdade. Palavras metafóricas que carregam um sentido mais profundo, que carregam verdades sobre a vida psíquica, a sociedade, sobre a economia, a política e a cosmovisão de um povo (DURKHEIM, 1996, p.37). Sob este ponto de vista, o mito carrega elementos constitutivos da natureza humana, aspectos essenciais e permanentes da humanidade, e por isso são elementos que podem ser verificados em todas as formas de religião. Como afirmou Durkheim sobre isso, "todas [as religiões] correspondem, ainda que de maneiras diferentes, a condições dadas da existência humana" (DURKHEIM, 1996, p.VII).

Para Durkheim, há uma consciência coletiva em cada sociedade, uma moral, laços de uma solidariedade social, e esta se pode observar no seio da coletividade egípcia (DURKHEIM, 2007. p.52). Suas crenças na eficácia dos ritos, a passagem da alma para uma vida eterna no outro mundo e os elementos míticos que justificam esses atos fazem parte da mentalidade de cada egípcio. O mito rememora toda essa mentalidade, e o rito comemora os acontecimentos primordiais. E as crenças e os atos que cada egípcio cumpre no grupo lhe são anteriores e exteriores: já existiam antes dele nascer, e lhe foram impostos pela educação, pela influência da coletividade, fortalecendo e promovendo laços de união entre os indivíduos (MAGALHÃES, 1979, p.42-43).

Grande parte da vida social egípcia era voltada à construção de palácios, templos religiosos, estátuas, pinturas e histórias que relatavam a passagem desta vida para a outra, a eterna. A questão da morte e da imortalidade formou o eixo sobre o qual a vida religiosa e social dos egípcios antigos realmente girou (BUDGE, 2004. p.10). A ressurreição era o objetivo com que se recitava cada oração e se celebrava cada cerimônia, e todos os textos, amuletos e fórmulas, de todos os períodos, destinavam-se a permitir ao mortal revestir-se de imortalidade e viver eternamente num corpo transformado e glorificado (BUDGE, 1990. p.119). Já as oferendas tinham como objetivo, de acordo com Durkheim, alimentar os deuses. Da mesma forma como os seres na natureza vivem e morrem, passam por momentos de força e fraqueza, assim também são vistos os deuses: devem ser alimentados nos momentos de fragilidade, senão desaparecem. Eles são alimentados com sangue, poeira e outras substâncias ritualísticas (DURKHEIM, 1996, p.370). Assim Durkheim explica sobre estas oferendas: "o que o fiel oferece realmente a seu deus não é o alimento que deposita no altar, nem o sangue que faz correr de suas veias: é seu pensamento" (DURKHEIM, 1996, p.373).

Deste modo, a finalidade da religião, frisaré Durkheim, é lutar para manter a coesão social e evitar a todo custo sua desagregação. A conservação do pensamento e da moral é decisiva para a manutenção do controle social e da ordem e unidade política e territorial do país. Logo, tudo o que os funerais explicam sobre a morte e suas conseqüências, também explicam sobre a vida em sociedade e suas necessidades de preservação.

CONCLUSÃO

Ao se analisar a visão que os Egípcios tinham sobre a morte, foi constatado que, perante uma interpretação baseada na sociologia de Durkheim, a morte exerce na mente egípcia as características da vida em sociedade. Cada elemento dos ritos e mitos funerários observados neste estudo revela correspondentes na vida cotidiana deste povo, todos eles orientando os membros a uma vida conjunta, com a finalidade de manter o país e o seu território unidos.

A finalidade da religião egípcia, assim como de seus ritos e crenças mortuárias é a manutenção da vida social. O símbolo seja ele representado em desenhos, palavras, estátuas, templos, túmulos, amuletos, bandeiras, reis, ou qualquer outro objeto material, parece ser uma necessidade da natureza humana. Quando se representa sensivelmente um sinal distintivo, que

identifica o grupo, os membros se conscientizam de sua unidade, podem entrar e permanecer em relação, a homogeneidade do ambiente recebe um marco, um centro, e disto resulta uma moralidade capaz de orientar e organizar uma sociedade. A religião assim o fez no Egito.

Assim sendo, os egípcios produziram sua cola social, feita de um material retirado de sua cultura. Sua visão sobre a morte revela sua visão sobre a vida, e a organização do mundo dos mortos é a organização do mundo dos vivos. O pensamento religioso é imagem do arranjo social e vice-versa: "(...) o fluxo de nossas ideias apenas reflete o fluxo dos acontecimentos que passam constantemente por nós" (DURKHEIM, 2006. p.53). O ritual religioso é expressão e síntese do *ethos* cultural de um povo, portanto, expressão de sua vida (VILHENA, 2005. p. 55). E, sob a ótica de Durkheim, os rituais funerários egípcios cumpriram sua função mais essencial: garantiu a vida eterna de seu povo, se não por uma eficiente coesão social, mas sobretudo pela lembrança deste povo admirável que permanece em livros, estudos, práticas contemporâneas. E, na memória coletiva de diversas culturas, as ideias egípcias sobre a morte seguem como eternas.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia** (*Dizionario di filosofia*, 1961). Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Verbete: Iluminismo.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Vol.1. Petrópolis: Vozes, 1986.

BOVO, Elisabetta (Org.). **HISTÓRIA das Religiões: Origem e desenvolvimento das religiões**. Trad. Carlos Nougué. Madri: Ediciones Folio, 2008.

BUDGE, Ernest Alfred Thompson Wallis. **O Livro Egípcio dos Mortos** (*The Book of the Dead, 1895*). Trad. Octavio mendes Cajado. 9. ed. São Paulo: Pensamento, 1993.

_____. **A Religião Egípcia: Ideias Egípcias sobre a Vida Futura**. (*Egyptian Religion: Egyptian Ideas of the Future Life, 1900*). Trad. Octavio Mendes Cajado. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1990.

_____. **As Ideias Egípcias sobre a Vida Futura**. (*Egyptian Religion: Egyptian Ideas of the Future Life, 1900*). Trad. Vera Maria de Carvalho. São Paulo: Madras, 2004.

_____. **Magia Egípcia**. (*Egyptian Magic, 1901*). Trad. David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 1986.

COUTO, Sérgio Pereira. **Desvendando o Egito**. São Paulo: Universo dos Livros, 2008.

DEBRAY, Régis. **Deus, um Itinerário: Material para a história do Eterno no Ocidente** (*Dieu, un itinéraire: Matériaux pour l'histoire de l'Éternel en Occident, 2001*). Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa** (*Les Formes élémentaires de la vie religieuse, 1912*). Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **As Regras do Método Sociológico** (*Les Règles de la méthode sociologique, 1895*). 2.ed. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2002.

_____. **Sociologia**. Org. (da coletânea) José Albertino Rodrigues. Trad. Laura Natal Rodrigues. 3.ed. São Paulo: Ática, 1984.

EDWARDS, Iorwerth Eiddon Stephen. **As Pirâmides do Egito** (*The Pyramids of Egypt, 1946*). Trad. Sebastião Juarez da Cruz Santos. Rio de Janeiro: Record, 1985.

MAGALHÃES, Jorge de Miranda. **Você Conhece Sociologia?** Rio de Janeiro: Editora Rio, 1979.

O LIVRO dos Mortos do Antigo Egito. Trad. Edith de Carvalho Negraes. São Paulo: Hemus, 1982.

VILHENA, Maria Angela. **Ritos: Expressões e Propriedades**. São Paulo: Paulinas, 2005.